



## **ONTOLOGIA E LITERATURA EM SARTRE**

### **APELOS A NOVOS SIGNIFICADOS DE MUNDO**

*Carlos Henrique Favero<sup>1</sup>*

*Orientadora: Dra. Vanessa Furtado Fontana<sup>2</sup>*

**Resumo:** A profusão de teorias ontológicas desenvolvidas na história da filosofia possibilita fundamentos para o entendimento da individualidade humana e, conseqüentemente, o agir coletivo. Porém, em muitos casos, resultam como ditames para ações pautadas em preceitos superestimados de modelos de vida. Na inconformidade com esse contexto, um pensamento que vise a desconstrução do determinismo humano e dê legitimidade ao poder inalienável de escolha se faz necessário. Não escolher não é uma opção, no entanto, é comum que pessoas neguem a sua liberdade. A filosofia de Sartre mostra como somos liberdade ante qualquer proposta de definição de ser humano, condição esta que nos situa historicamente em um antagonismo. Por um lado, podemos ser aquilo que quisermos. No entanto, inerente à nossa existência, temos o fardo da responsabilidade. Diante disso, o que nos dá poder de criação também pode ser aquilo que impele a agir de má-fé. O lançar-se para a vida requer responsabilidade a cada ato, a partir de escolhas originais e engajadas. Assim, mesmo que livre de precedentes, um ato jamais será isolado: sempre será para mim e para o outro. Logo, considera-se o pensamento de Sartre uma proposta de um movimento ético de criação de valores universais. Essa ontologia não é apenas revelada em sua obra filosófica, mas também na sua literatura, pois, entendendo-a como apelo à liberdade, é também uma filosofia engajada. Tal engajamento se dá a partir do escritor para com o leitor, em que este possa aderir ou não àquele que se lança ao mundo como valor e apelo universal. Essa intersubjetividade possibilita campo fértil para a criação e, conseqüentemente, novos lançares para o mundo, seja com novas literaturas, seja com outras ações fundamentadas em projetos a partir da literatura. Dessa forma, o artigo proposto visa investigar e apresentar pontos cruciais da base metafísica da ontologia de Sartre, a partir de seus principais conceitos acerca da liberdade e a relação destes com o mundo. Ademais, junto à proposta ontológico-literária de Sartre, o estudo apresentará uma possibilidade de impulsionar o sujeito ao engajamento para a criação de novos valores.

**Palavras-chave:** Ontologia. Fenomenologia. Existencialismo. Literatura. Sartre.

**Abstract:** The profusion of ontological theories developed in the History of Philosophy provides foundations for understanding human individuality, and, therefore, collective action. However, in many cases, such profusion of theories results in directives for actions based on overrated precepts of life models. Not aligned with this context, a thought aimed at deconstructing human determinism and giving legitimacy to the inalienable power of choice is necessary. Not choosing is not an option, yet it is common for people to deny their freedom. Sartre's philosophy

---

<sup>1</sup> Mestrando de Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Bolsista CAPES/UNIOESTE). E-mail: carloshenriquefavero@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora de Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: fontanessa@yahoo.com.br.

demonstrates how we are freed from any proposed definition of being human, a condition that historically places us in an antagonistic position. On the one hand, we can be whatever we want. On the other hand, we have the burden of responsibility inherent in our existence. Thus, the very thing that gives us creative power can also be what impels us to act in bad faith. Projecting into life requires responsibility in every act, based on original and committed choices. Therefore, an act will never be isolated, even if it is free of precedents: it will always be for oneself and others. Sartre's thoughts are therefore considered a proposal for an ethical movement for creating universal values. This ontology is evident in both his philosophical work and his literature since understanding it as an appeal to freedom means it is also an engaged philosophy. Such engagement happens from the writer to the reader, in which the reader may or may not adhere to the writer who projects into the world as value and universal appeal. This intersubjectivity provides fertile ground for creation and, consequently, new projections into the world, whether with new literature or other actions based on literature. In this sense, the article aims to investigate and present key points of the metaphysical basis of Sartre's ontology based on its main concepts regarding freedom and their relationship with the world. Furthermore, along with Sartre's ontological-literary proposal, the article provides an opportunity to impel the subject to engage in creating new values.

**Keywords:** Nietzsche. Philosophy. Thought. Life. Teaching.

## INTRODUÇÃO

Em uma França pós-guerra<sup>3</sup>, a realidade da nação era de receios do passado e insegurança com o futuro. O país vivenciava a saída do vitorioso exército estadunidense de suas terras, destruída não só materialmente, mas também com suas crenças e ideologias abaladas, situando o povo em um período de demanda por renovação e criação de novas esperanças para a reestruturação da nação. Nesse hiato, estavam em aberto as preocupações com pensamentos políticos, econômicos e filosóficos e, oriundo disso, inquietações sobre um novo poder, um norte de esperança visando resolução do caos instaurado; pensamentos sobre valores ou a quem ou quem deveriam recorrer, entre vários outros anseios, eram comuns naquele cenário. A população francesa aspirava por algo novo, algo que pudesse trilhar suas novas conquistas, criar um novo ponto de partida na história, e buscar seus novos líderes.

A situação demandava responsabilidade inédita aos indivíduos daquele país: escolher como nunca antes haviam escolhido — precisavam estabelecer uma nova humanidade. O passado se firmava cada vez mais como uma lembrança e menos como algo pertinente na construção de algo real, logo, era necessário compreender seus próprios meios, de pessoas livres inseridas na situação histórico-geográfico-social vigente, como obstáculos a superar para a concretização dos projetos humanos lançados ao mundo.

---

<sup>3</sup> O embasamento da contextualização histórica é a partir da série documental *Human all too human – Sartre*.

Nesse cenário, destaca-se uma teoria que tem em seu cerne a liberdade radical de escolha: somos livres e capazes de gerar mudanças e novos significados; essas são máximas otimistas trazidas por Sartre, que aspiram pensamentos sobre os momentos em que o indivíduo se situa enquanto ser histórico. Se há como mudar, que seja para melhor, no entanto, a grande questão é justamente sobre o valor do ato em si. Se, por um lado, grandes pensadores que se debruçaram sobre os assuntos da ética e correntes humanistas defenderam princípios deterministas de ação para que depois pudéssemos agir, Sartre (2015), por sua vez, inverte essa lógica e faz do agir um gerador de valor: não é a essência que precede a existência, mas o contrário. A partir desse viés filosófico, somos aptos para tentar provar qualquer valor a partir de um projeto de vida que deve ser colocado em prática e, assim, a partir de projetos individuais, podendo, destes, apelar a valores universais.

Em *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre (2014) evidencia o problema que identifica no humanismo clássico, em que afirmou que qualquer ser considerado humano estará sujeito a benefícios ou malefícios de uma totalidade, simplesmente por ser humano: a “bondade humana”, a “eficácia humana”, a “dignidade humana” e tudo o que nos conferir uma essência; ou seja, seríamos todos dotados de razão e capazes de compreender e de utilizar dos moldes de agir pré-existentes em prol do mantimento de valores pertinentes à espécie e/ou melhoramento da humanidade. Em suas objeções, o filósofo, ao desenvolver uma tentativa de suprir essa totalidade, afirma que jamais entenderá o homem como fim, justamente pelo motivo de estarmos sempre em construção: não há um fim para quem se encontra ausente de definição em meio a seres de mesma situação e, nessa intersubjetividade, o ser humano estará sempre “em aberto”. O ser consciente faz a si mesmo, escolhendo-se em relação aos outros e sendo bom ou ruim por si mesmo, em um constante agir, tendo que inventar seu próprio destino, livre de quaisquer precedentes, carregando em si a responsabilidade do engajamento à sociedade. Dessa forma, [...] a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência [...] [ele também] é responsável por todos os homens” (Sartre, 2014, p. 20). É esse viés que faz Sartre afirmar o homem como ser criador do próprio homem.

## **O EXISTENCIALISMO DE SARTRE: ONTOLOGIA E FENOMENOLOGIA**

Sartre foi a Berlim, em 1933, estudar com Edmund Husserl (1859-1938), um dos principais filósofos de um novo pensamento filosófico da época, a fenomenologia. Desde então, passou a utilizar o princípio fenomenológico de intencionalidade, de que a consciência de algo é estar em

relação com o mundo<sup>4</sup>; tal pensamento apresenta uma nova perspectiva filosófica, considerando antes de tudo o plano da existência humana, sem conceber primeiramente a, até então afirmada, essência da espécie. A partir de então, Sartre introduziu a sua própria filosofia: não é por ser amoroso que me levo a praticar atos amorosos, mas é por este que se fundamenta aquele (Moutinho, 2009, p. 613). Ou seja, nenhum ato se funda numa suposta essência definida *a priori* do ser, mas é o valor da ação, que se dá por si, e que acaba por se agregar à existência.

Se o conceito de ser humano defendido por Sartre não se utiliza de predeterminações, também não pode ser universalizado, pois há uma gratuidade que nos impede de responder o porquê de tal existência, logo, podemos apenas constatar a mesma a partir de uma análise ontológica: não estamos no mundo com uma determinação prévia, mas de forma contingente, sem uma razão que nos explique integralmente; não estamos determinados a ser, partindo de qualquer precedência, mas é na existência que se busca o ser. Somos liberdade, e isso dá margem para escolher, a partir de nossa subjetividade, aquilo que queremos. Paradoxalmente, a única escolha que não podemos ter é a da não liberdade: o homem está condenado a ser livre.

É indispensável o entendimento acerca do fundamento humano fenomenológico em que Sartre se baseia para afirmar não só a liberdade, mas também o não determinismo como falta de essência comum humana e seus desdobramentos. Isso nos leva a um dos principais conceitos base para se entender a proposta filosófica do autor, a consciência: um fato ontológico do ser humano (Hilgert, 2011, p. 25-26) que podemos denominar como cognoscente-consciente que, na medida em que aprende o seu exterior, acaba por fazer um movimento de voltar a si; dessa forma, o fator “cognoscente” apreende o mundo, enquanto o fator “consciente” é responsável pela compreensão do apreendido assim que traz para si o fenômeno experimentado. Isto é,

[...] a condição necessária e suficiente para que a consciência cognoscente seja conhecimento *de* seu objeto é que seja consciência de si como sendo este conhecimento. É uma condição necessária: se minha consciência não fosse consciência de ser consciência de mesa, seria consciência desta mesa sem ser consciente de sê-lo, ou, se preferirmos, uma consciência ignorante de si, uma consciência inconsciente – o que é absurdo. É uma condição suficiente: *basta que eu tenha consciência de ter consciência desta mesa para que efetivamente tenha consciência dela* (Sartre, 2015, p. 21, grifo nosso).

Entende-se a consciência sempre como consciência de algo e responsável pela transfenomenação: a transcendência do fenômeno que revela algo além do comum, não um fenômeno do ser, mas um ser do fenômeno. Segundo Sartre (2015, p. 18), “[...] o ser é

---

<sup>4</sup> Essa abordagem é feita por Husserl (2006, p. 190), em especial, no § 84, em que afirma que Intencionalidade é “[...] ser consciência *de* algo. [...] é aquilo que caracteriza a *consciência* [...] uma única consciência”.

simplesmente a condição de todo o desvelar: é ‘ser-para-des-velar’, e não ser desvelado”. E acrescenta:

[...] não significa que o ser se encontra escondido atrás dos fenômenos [...] nem que o fenômeno seja uma aparência que remeta a um ser distinto. [...] o objeto não *possui* o ser, e sua existência não é uma participação no ser, ou qualquer outro gênero de relações com ele. Ele *é*, eis a única maneira de definir seu modo de ser; porque o objeto não mascara o ser [...] (Sartre, 2015, p. 19).

Esse pensamento desconstrói aquilo que notoriamente se defendeu na modernidade: a dicotomia entre sujeito e objeto, em que este traria em seu âmago uma essência impenetrável e incapaz de ser conhecida pela razão humana, a coisa em si<sup>5</sup>.

Partindo do princípio de que fenômeno é aquilo que aparece à consciência, Sartre (2015, p. 18-19) aponta que o fenômeno de ser demanda a transfenomenalidade, um fundamento transfenomenal, isto é, mesmo que sejam coextensivos, o ser do fenômeno está além do fenômeno do ser, além da pura aparição, como se existisse apenas aquilo que aparece. Em suma, o fenômeno do ser aparece de várias formas, numa infinitude perante nossa capacidade finita de compreensão, mas essa problemática se resolve quando aparecido à consciência e assim o seu ser estabelecido, o ser do fenômeno.

Através dessa transfenomenação, de uma consciência que se lança ao mundo e assim o apreende, afirmamos também uma relação do para-si com os em-sis. É neste que se fundamenta a busca daquele, tendo, como força motriz de movimentar-se para fora de si, a intencionalidade. Enquanto o para-si é entendido como um nada e, tudo o que apreendeu traz para si, o em-si é completude, o absoluto, aquilo que vive para além da nossa consciência, que pode ser tragado para ela mesma.

Segundo Bornheim, o nada é fundamento do para-si; e acrescenta que “[...] a pergunta manifesta o nada, já que ao enunciá-la, permanecemos cercados pelo nada. A nossa pergunta sobre o ser fica condicionada pela possibilidade permanente do não-ser, no sujeito e no objeto” (Bornheim, 2011, p. 38-39). Para exemplificar esse movimento ‘evanescente’ da consciência nadificadora, o comentador parafraseia Sartre:

[...] Se espero encontrar Pedro no café e ele está ausente, processa uma dupla nadificação; porque, de um lado, “Pedro não está aí”, e, de outro, já que minha atenção está fixada nessa ausência, o próprio café torna-se evanescente, “o café permanece fundo, persiste em oferecer-se como totalidade indiferença à minha atenção marginal, desloca-se para trás, persegue a sua nadificação”. A tais realidades Sartre dá o nome de “negatividades” [...] (Bornheim, 2011, p. 40-41).

---

<sup>5</sup> Essa afirmação é encontrada, por exemplo, na *Crítica da razão pura*, de Kant (2010).

É importante ressaltar que não é o nada que se nadifica, mas é nadificado por um ser “[...] que tenha a propriedade de nadificar o Nada”. Isto é: “[...] o nada se manifesta no mundo através daquele ser que se pergunta sobre o nada de seu próprio ser, ou que deve ser o seu próprio nada. Esse ser bizarro é o homem” (Bornheim, 2011, p. 43). Essa é a estrutura do para-si que se opõe ao absoluto dos em-sis, o que nos torna, necessariamente, livres. Isso se dá a partir da estrutura nadificadora que cria um lapso entre o ser do passado e o ser do presente e, conseqüentemente, criará outra ruptura entre o ser presente e o ser do futuro; ou seja, a conexão entre os seres do passado, presente e futuro, é o nada. Essa liberdade é entendida como livre de qualquer passado que possa determinar por completo ações futuras, o que fundamenta o indivíduo a agir a partir de sua própria escolha. É um princípio lógico: se é nada que está antes da minha ação – e esta perante uma gama de possibilidade de escolhas –, livre é a escolha do ser humano:

[...] é necessário que o ser consciente se constitua com relação a seu passado separado dele por um nada; que seja consciente dessa ruptura de ser, não como fenômeno padecido, e sim como estrutura da consciência que é. *A liberdade é o ser humano colocando seu passado fora de circuito e segregando seu próprio nada.* [...] é continuamente que a consciência vive como nadificação de seu ser passado (Sartre, 2015, p. 73, grifo nosso).

Liberdade é ter consciência de liberdade e, intrínseco a isso, é ter consciência do nada e suas rupturas entre os seres. Em síntese, o para-si é uma falta de ser ou uma negação de si, um constante inacabado, mantendo-se sempre em movimento para o suprimento de sua carência de ser e crescendo para si aquilo com que entra em contato; uma busca insaciável de autodefinir-se ou satisfazer-se perante o mundo.

Essa relação constante do para-si com o em-si, de um nada com o absoluto, se não tomada com cautela, pode resultar em má-fé: uma tentativa de mentir para nós mesmos na busca de ser a partir do em-si, uma forma de mascararmos a angústia perante a completude avassaladora do mundo sobre o nada da nossa realidade, é “[...] fazer com que eu seja o que sou, à maneira do ‘não ser o que se é’, ou não ser o que sou, à maneira do ‘ser o que se é’” (Sartre, 1985, p. 117).

A má-fé, segundo Góis e Silva, é um “[...] mentir a si próprio em construir uma imagem de si ou uma situação [uma fuga] da angústia e da liberdade [...] o engano consciente de si mesmo [...]” (Góis e Silva, 1997, p. 38-43). Um dos exemplos que Sartre (2015, p.108) utiliza para explicar a má-fé, é o garçom que, ao atender o cliente, expõe uma demasiada teatralidade para encaixar-se naquilo que se espera dele, no caso, da profissão que está exercendo. Isto é, para atender às expectativas alheias, um para-si busca uma fuga à maneira dos em-sis, formada pelo olhar do outro – confundindo-se a objetos.

Essa questão é tratada por Leopoldo e Silva quando afirma que o ser humano busca se inserir na história, “[...] não historicamente, mas como biografia realizada, para que possa fugir do

*paradoxo de ter que [se] determinar sempre contingentemente*” ( Leopoldo e Silva, 2004, p. 28, grifo nosso). *Isto* entende-se como “fuga da angústia”. A essa construção acerca da má-fé, remonta outro termo importante de Sartre, em-si-para-si. A saber:

A precedência da existência em relação à essência não me impede de almejar a uma essência, pelo contrário, até me leva a isso. Na verdade o que eu gostaria mesmo é que minha escolha redundasse numa metamorfose: uma nova forma adquirida, em princípio definitivamente. Mas como não possuo forma, não me posso metamorfosear. Então a metamorfose passa a significar a aquisição de uma forma. É isso que quer dizer metamorfosear o Para-si em Em-si-Para-si: desejo que minha consciência não seja apenas meu projeto de ser, processo ou devir; quero muito simplesmente ser, na forma do Em-si, mas sem perder a consciência de si, isto é, sem deixar de ser Para-si. [...] O Em-si-Para-si significa a forma feita e não apenas o fazer-se: o processo acabado e a consciência dessa totalização realizada como consciência de ser (Leopoldo e Silva, 2004, p. 27).

É importante esclarecer que, mesmo que o para-si almeje um em-si, jamais será uma totalidade e a convivência com a angústia é permanente, dada a nossa estrutura ontológica da necessária condição de escolha, isto é, por mais que se consiga representar à maneira dos em-sis, a completude sempre escapará devido à condição nadificadora do para-si. A realidade dos em-sis pode nos persuadir a partir de propostas de ideias de vida, nos fazendo desviar de um real projeto de vida, situacional, engajado, original.

Mas afinal, pergunta Sartre, o que somos “[...] se temos obrigação constante de nos fazermos ser o que somos, se nosso modo de ser é dever ser o que somos?” (Sartre, 2015, p. 108). Dessa forma, viver o fardo da liberdade ou a remissão à má-fé? Sartre afirma que “O para-si é o ser que se define na ação” (Sartre, 2015, p. 535). Dessa forma, o filósofo defende que um projeto apresenta o seu valor no próprio ato e que alcança seu ápice quando em seu fim. Sobre isso, temos como máxima que:

[...] agir é modificar a figura do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda a série e, para finalizar, produza um resultado previsto (Sartre, 2015, p. 536).

Nessa perspectiva, Hilgert (2011, p. 41) investiga o que seria o real motivo<sup>6</sup> para que Sartre possa mudar a “figura do mundo” e compreende que não basta o ser humano estar inserido em uma situação sem o entendimento da mesma; dessa forma, aquele que não conseguir suprir sua imersão desorientada de sua situação, jamais poderá se projetar no mundo. Projetar-se é entender

---

<sup>6</sup> Sartre utiliza, junto a “motivo”, o termo “móbil”, que pode ser entendido não só como o “motivo da intenção”; há uma sutil compreensão além, podendo ser entendido como algo transitório, um meio (“situacional”) ou um intermédio entre a situação para a intenção; ou do passado para o presente: “o fim ou temporalização de meu futuro implica um motivo (ou móbil), ou seja, remete a meu passado, e o presente é o surgimento do ato” (SARTRE, 2015, p. 540).

sua atual realidade e ver-se no futuro com seus fins concretizados. Dessa forma, compreende-se que:

O móbil só pode ser compreendido pelo fim, ou seja, pelo não existente; portanto, o móbil é, em si mesmo, uma negatividade. [...] o móbil ensina o que ele é por seres que “não são”, por existências ideais e pelo devir. [...] só tem sentido no interior de um conjunto projetado, que é precisamente um conjunto de não-existentes. E este conjunto é, afinal, eu mesmo enquanto transcendência, eu mesmo na medida em que tenho de ser eu mesmo fora de mim (Sartre, 2015, p. 540-541).

A partir desta proposta ontológica, pode-se considerar algumas consequências de âmbito moral: se não há uma essência e somos livres para agir da maneira que quisermos, entende-se então que a constituição de um ser é a partir de si mesmo, daquilo que ele mesmo faz de si, isto é, a construção daquilo que seremos no mundo virá de ações livres, sem uma pré determinação do certo ou do errado. Portanto, a origem do ser humano é ele mesmo, e nesse caso – livre – pode ser aquilo que escolher para si, desde que projetado a ser.

## **RESPONSABILIDADE E LITERATURA**

A liberdade radical implica uma responsabilidade total: ambas não devem ser remetidas a qualquer instância – como divindades, sociedade, tendências inatas –, pois se assim feito, o ser humano jamais será entendido como livre e nem totalmente responsável. No entanto, é importante que se ressalte que nenhuma ação estará fora de contexto<sup>7</sup> e, pelo ser humano estar engajado à história, todos os nossos atos refletem toda humanidade:

O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Isto significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele é não apenas aquele que ele escolheu ser, mas ainda um legislador que escolhe, ao mesmo tempo que ele mesmo, toda a humanidade, não poderia escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (Sartre, 2014, p. 5).

Cada projetar-se ao mundo incluirá aquilo que ele poderá fazer com que foi feito consigo mesmo, ou seja, estar no mundo é estar numa realidade intersubjetiva e, disso, sempre haverá consequências, como conflitos entre pessoas, grupos, classes sociais e qualquer outra relação existencial humana; o ser humano é liberdade ampla, situado em um conjunto histórico-geográfico determinado – delimitado, mas de possibilidades. Assim sendo, sobre o ser-situado, Leopoldo e Silva<sup>8</sup> afirma que mesmo que nossa liberdade seja defendida por Sartre como “radical”, ele mesmo

---

<sup>7</sup> Por facticidade, Sartre (1985, p. 640) aponta meu lugar, meu corpo, meu passado, meus arredores, minha relação com os outros e minha morte.

<sup>8</sup> Palestra concedida no evento *Novas Identidades: a vida em transformação | conhecimento | sabedoria | felicidade*.

aponta que não há como ignorar a situação vigente, isto é, a escolha não é exercida em um nada, justamente pelo fato de que existir é estar lançado no mundo. A liberdade será exercida a partir de tal realidade, a saber,

[...] ao mesmo tempo em que os limites restringem as possibilidades expressivas, estas se realizarão pela transgressão desses mesmos limites. As duas coisas ocorrem ao mesmo tempo porque [...] simultaneamente se submete às limitações e as transcende, como acontece com todo exercício de liberdade em situação (Leopoldo e Silva, 2004, p. 28).

O projetar-se para o mundo com originalidade e transgredir, se preciso, a realidade imposta, levanta uma questão, um ‘como?’; assim, coloca-se a literatura de Sartre em foco. Em sua filosofia a partir de obras literárias, encontramos passagens sobre a gratuidade da vida contingente e, sobre isso, Sartre defende que “[...] numa coletividade que se retoma sem cessar, que se julga e se metamorfoseia, a obra escrita pode ser condição essencial da ação, ou seja, o momento da consciência reflexiva” (Sartre, 2004, p. 120).

A proposta de Sartre é que a literatura serve como um apelo à liberdade, tendo como processo uma subjetividade que cria para outra subjetividade, que pode ou não aderir ao apelo, no caso, do escritor ao leitor. Essa intersubjetividade é apresentada como um distanciamento entre ambas, o que, em primeira noção, poderia representar uma perda de significação quando considerada a objetividade comum entre elas. No entanto, é nessa transição de relação entre liberdades que temos a possibilidade de novas significações. Em relação a isso, temos que:

[...] atender livremente, como leitor, ao apelo livre do escritor, é a atividade de assumir a obra. [O leitor] aceitando o apelo, aceita um pacto de ação, de produção de significação; eis aí uma ação que pode se constituir como condição de outras ações. [Logo] a obra escrita pode ser condição essencial da ação, nascida da reflexão enquanto atividade de significação (Leopoldo e Silva, 2006, p. 72).

Todo ser humano pode ser entendido a partir da história que o circunda, pois toda realidade advém de uma construção em um tempo e espaço – é um ser histórico. Nesse sentido, cada indivíduo é a sua própria história e capaz de se projetar: cada um de nós é uma história enquadrada em uma situação histórico-geográfico-sócio-política. E mesmo que situados em um mundo estabelecido, a escolha será sempre radicalmente livre, pois haverá sempre uma possibilidade diferente da realidade existente e, se assim feito, almejar-se-á uma realidade inexistente, em prol de um futuro desejado. Somos liberdade e estamos inseridos em uma realidade possível de se mudar; as escolhas, quando concretizadas em agir, afetam diretamente a humanidade, tornando latente a real responsabilidade em projetar-se ao mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O existencialismo sartriano apresenta uma proposta de reflexão do sujeito em seu meio e como autor de seus próprios projetos de vida, para que, com isso, possa ser mediador em possibilitar a supressão de determinismos gerados pela história do pensamento ético generalizado e muitas vezes naturalizado pelo ser humano numa espécie de dogmas morais.

No entanto, esse romper com propostas engessadas acerca do agir humano traz consigo um fardo difícil de ser carregado, pois, mesmo que ressalte-se a individualidade do ato e as escolhas que cada um pode fazer para si mesmo, não há como escapar de ações engajadas. Sendo assim, toda escolha impactará o meio em que o indivíduo está inserido. Logo, toda ação demanda responsabilidade.

A partir da gama de possibilidades de escolhas de ações, pode-se agir de má-fé ou buscar a originalidade do ato, com o intuito de criação de valores e apelos universais. A analogia feita com a arte, por Sartre, retrata bem como funciona o lançar-se para o mundo na tentativa de criar valores:

Sabemos que não existem valores estéticos a priori, mas existem valores que se veem depois na coerência do quadro, nas relações que há entre a vontade de criação e o resultado. Ninguém pode dizer o que será a pintura de amanhã. Só se pode julgar a pintura depois que ela tiver sido feita. [...] É a mesma coisa no plano da moral [...] nos dois casos, nós temos criação e invenção (Sartre, 1970, p. 15).

Essa proposta de apelo a valores é o que fundamenta o apelo à liberdade a partir da literatura – e também a valores –, como uma filosofia engajada. Ou seja, nossa inalienável liberdade, mesmo que nos deixando à deriva, “soltos” no mundo, possibilita novos projetos, originais e legítimos com a realidade que nos circunda, sem nos emaranhar em determinismos. Sendo assim, além de apresentar a proposta filosófica de Sartre junto a sua visão acerca da literatura, este artigo possibilitou a reflexão sobre a importância de como relacionamos tais preceitos com a vida em nosso processo de escolha, em um apelo otimista ao engajamento e à ação, já que a liberdade radical possibilita que cada indivíduo busque ser aquilo que quiser.

## REFERÊNCIAS

BAIRD-CRAWFORD, F. *Human all too human - Sartre*. 1999. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uL4UVvN5C6g>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BORNHEIM, G. *Sartre*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2011.

CASTRO, F. C. L. *Conseqüências Morais Do Conceito De Má-Fé Em Jean-Paul Sartre*. 2005. 243 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2005.

- HILGERT, L. H. *Liberdade, autenticidade, engajamento: pressupostos de ontologia moral em Sartre*. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2011.
- HILGERT, L. H. *Ontologia e moral na obra ficcional de Sartre*. 2017. 340 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução: Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.
- Kant, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução : Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- LIUDVIK, C. O Cristo De Sartre: Reinvenção Mítica e Humanismo em Bariona. *Sofia*, Vitória-ES, v. 9, n. 2, p. 294-324, dezembro, 2020.
- MOUTINHO, L. D. A Liberdade é a moral da história: Sartre, vida e obra. In: Marçal, J. *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009. p. 609-614.
- PERDIGÃO, P. *Existência liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- SARTRE, J.P. *A Náusea*. Tradução: Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- SARTRE, J.P. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução: João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- SARTRE, J.P. *O Ser e o Nada: ensaio de uma ontologia fenomenológica*. Tradução: Paulo Perdigão. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2015.
- SARTRE, J.P. *Que é Literatura?*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- SILVA, C. G. *Liberdade e consciência no existencialismo de Jean Paul Sartre*. Londrina: Ed. da UEL, 1997.
- SILVA, F. L. Arte, Subjetividade e História em Sartre e Camus. *Revista Olhar*, São Carlos, v. 2, n. 3, p. 1-15, primeiro semestre, 2000.
- SILVA, F. L. Literatura e Experiência Histórica em Sartre: o engajamento. *Dois Pontos*, São Paulo, v. 3, n. 2, p.69-81, outubro, 2006.
- SILVA, F. L. *Novas Identidades: a vida em transformação / conhecimento / sabedoria / felicidade*. 2011. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z\\_DWi4&t=3714s&ab\\_channel=Territ%C3%B3rioConhecimento](https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=3714s&ab_channel=Territ%C3%B3rioConhecimento). Acesso em: 25 jan 2024.
- SILVA, F. L. Para a compreensão da história em Sartre. *Tempo da Ciência*, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 25-37, segundo semestre, 2004.
- WEBBER, J. *The Existentialism of Jean-Paul Sartre*. Nova Iorque: Routledge, 2009.